

«A Dinamarca já tem a sua própria Virginia Woolf.» – VG

Tradução do dinamarquês de
Susana Janic

JOSEFINE
KLOUGART

UM DE NÓS
DORME

ÍNDICE

09

A luz chega rastejando

-

27

A paisagem

-

67

Um funeral

-

93

A paisagem

-

131

O novo homem

-

153

A paisagem

-

195

Um funeral

-

207

A paisagem

-

A LUZ CHEGA
RASTEJANDO

A LUZ CHEGA RASTEJANDO sobre os campos lavrados. Orlas de terra escura e barrenta, atiradas em desordem, novilhos a debaterem-se nos currais, um baque de demasiado corpo num espaço demasiado exíguo. E a neve, agora a estender-se tão calma sobre os cumes; sobre a paisagem, sobre tudo o que está vivo e tudo o que está morto. Um casaco de frio, uma voz cava que te dá segurança. A paisagem toda, nua, indiferente. Vem agora a sensação de que me fazes falta, mas de não ter ninguém a fazer-me falta.

É uma paisagem rendilhada de geada.

É a mesma paisagem, mas a paisagem nunca é a mesma. Por onde andei eu, penso para comigo. O meu lábio inferior está gretado como a polpa de uma ameixa madura. Cair no terraço, joelho e aquele sabor a ferro; ficar deitada no asfalto, atrás da casa do pastor, à espera de que o trator regressasse com a primeira carga — se não nos levantarmos e fugirmos, estamos metidos em sarilhos. E como eles vêm a conduzir até casa — veículos corcovados. Uma tarde pomo-nos a brincar e a saltar entre os fardos empilhados. Se cáires entre eles, morres de fome. Tal como o gato que encontrámos, mas foi só mais tarde, no outono. Então não tinha mesmo abandonado a sua ninhada.

O trilho por detrás dos campos do caseiro do pastor vai até ao limite que separa as áreas protegidas, as lavradas, dos terrenos em pousio. Há muita coisa que depende disto. Uma ordem. Há sempre um homem a apanhar pedras no campo, aparecem sempre novas

pedras, a terra fá-las nascer e acumulam-se em montes que vão crescendo. Em certos sítios surgiram pedras maiores à espera da máquina que as vai levar. Quando houver tempo para isso. Talvez seja um dos rapazes a fazê-lo. Ou talvez seja demasiado para eles, afinal de contas. O sol põe-se por detrás da anta que é mais antiga do que as pirâmides. É o que dizem. Seja lá qual for a idade das pirâmides, é caso para perguntar. Os irmãos não têm idade além dos anos que os separam. Eu e as minhas irmãs, uma idade única, não somos mais velhas do que éramos.

A paisagem da idade do gelo, os *kettles* glaciares, onde o gelo forçou a paisagem em posições diferentes.

Não tenho a certeza, mas tenho a impressão, de certo modo, de ter andado a viver dessincronizada, nestes últimos dias. Acabei de cair e já me levantei e sacudi a poeira das mangas e sorri para os que passavam ou para a natureza. É só quando relembro algo do passado que passo a ter acesso a tudo o que devia ser meu. Tu, por exemplo.

Regressei. Algo que existia está espalhado na paisagem. Um tapete de caruma em redor dos pés das árvores. Há uma capa de neve e uma floresta de dedos e um céu. As hastes dos veados, Trehøje, os dez últimos pinheiros na encosta, ocos e varridos pelo vento até aos ossos, solitários. É com isto que lidamos.

Azeite sobre água.

Um estranho vestido de verão debaixo de uma camisola e de um macacão.

ESTÁ OUTRA VEZ a nevar. Eu penso: Como é que posso sair daqui, as estradas estão cortadas, não posso ir a lado nenhum. De pé, inclino-me em direção ao peitoril da janela, contra a vidraça, o parapeito de mármore é frio; o inverno também. Numa tarde de verão, encosto a face ao parapeito, os meus lábios parecem demasiado grossos, assim como as minhas mãos. Lembro-me de afastar

um vaso com uma planta. De me sentar no peitoril da janela, de me encostar ao sol e à janela. O parapeito de mármore está frio, apesar de o sol lhe ter batido horas a fio; os parapeitos de mármore estão frios, no entanto. Coxas húmidas no calor. O corpo a precisar do inverno.

Ou o corpo a sentir precisar de calor.

As minhas mãos ficam — como dizê-lo — violáceas; os meus pés também, durante o inverno. É uma cor que pode lembrar-me algo como: azul. Esta tarde, o limpa-neves passou de hora a hora; com um cansaço que nada tinha a ver com neve ou falta de neve, atravessou a cidade que se dividiu de bom grado. Duas faixas de tela branca. O asfalto preto refulgiu debaixo de uma fina camada de neve destruída. Pensei: A neve destruída é a coisa mais triste em que consigo pensar. E agora pensei de novo: Quando será que posso sair daqui.

Ando a fazer poupanças.

Deixar para trás algo de belo, sacrificar algo de belo. Porém, continua a manter-se presente como uma sombra, como um peso sobre as imagens: Aquilo que podia ter acontecido, um amor que foi anulado.

Estamos presos dentro de casa por causa da neve, pergunto eu.

A minha mãe está a fazer as suas contas, atolada em faturas. Quarenta e nove, diz ela, como se a atar uma ponta solta, e levanta os olhos para mim.

Olhamos pela janela, os nossos olhares perdem-se numa via sem saída, como os carris de um comboio numa paisagem; os trabalhadores chegaram então até ali, mas vão depois para casa e o trabalho continua noutra altura, amanhã ou nunca. O ambiente é o de: o caminho não tem saída. Ali deitados a apontar, os carris de comboio transformam a paisagem num lago ou numa imagem que se pode: ver.

Ela reflete. Eu entendo que haja esse tipo de pensamentos. O que é que eu realmente quero, para onde caminho, se é que aguento; e ela pergunta-me, se isso é um problema. Se eu não

conseguir encontrar uma saída, se eu tiver de ficar por aqui, então isso será — um problema.

Encolho os ombros. Não é com certeza, digo eu. Mas ambas sabemos que é; que é mesmo um problema.

Fechada aqui dentro.

O inverno fecha alguém dentro ou fora, é essa a sensação, a de não conseguir *chegar a lado algum*. Estamos ambas com essa sensação. Não há nenhuma saída pela frente e também não há nenhuma saída para trás. Ela quer saber se eu consigo descansar aqui: não consegues mesmo descansar aqui. É assim que ela pergunta. Há uma pausa. Deixámos ambas de respirar. Volto a encolher os ombros.

Claro que consigo, digo eu.

Mas não se trata de descanso. Não faz diferença nenhuma estar descansada ou não estar descansada.

Estou apaixonada, digo finalmente, sentando-me à mesa em frente a ela. O olhar dela esvoaça entre mim e os papéis; ela domina-se e põe-nos de lado.

Sim, diz ela.

Assim não consigo estar em lado nenhum, digo eu com uma voz que soa frágil, um pouco seca, facilmente excitável. Um raio de sol a bater num copo é quanto basta para ele rachar a qualquer momento. Fogo e incêndio. Porque eu já vi demasiadas coisas, de certo modo. Uma arbitrariedade singular a aparecer nas coisas. O facto de, agora, o mais importante não ser o meu homem morto; de repente é o outro, o novo homem, do qual a minha vida *depende*. Penso: será que nunca posso ficar num só lugar. Sem aquele magnetismo. É isso que a neve faz. Ou então é a doença que a neve não cobre, não cura, a neve como sal que cai sobre pensamentos cruéis e dolorosos, emoções cruéis. Quando foi que isso aconteceu. De noite vem a neve, o magnetismo invade-me, acordo magnética e tal como um ímã: retida, amarrada, todo o espaço entre mim e o novo homem vibra assim. Uma tensão inquietante.

Movimentos desenhados no ar, movimentos que se revelam — segundos antes de ocorrerem: e que talvez nunca venham a acontecer. Uma infelicidade em relação ao que *podia* ter sido — tão bom.

Penso: isto é tudo menos bom.

É tão assustador como o pode ser uma casa a que se chega tarde e em que nenhuma luz está acesa. Ou cedo e: nenhuma luz está acesa. Acho que preferia estar numa relação infeliz com outra pessoa do que nisto: estar sem o outro. Sem os olhos, para — bem, para quê, realmente. Para me fazer nascer. Todo o tempo nasce assim, num olhar. Antes nascer como uma estranha, outra do que isto, não nascer de todo.

Estou apaixonada pelo homem errado. E ainda estou incessantemente a tentar abandonar uma pessoa que amo. É quanto basta para se ficar magoada, mas não foi à procura de consolo que vim para casa.

Foi por causa das maçãs. Foi por isso.

Perdeste tudo, de facto.

Nada é igual ao que recordas e tudo aquilo com que vês conturba a imagem sobre o *como aconteceu*. Nada resta do mundo que lembras, que além disso é impossível, que pode nunca ter existido. É uma coisa diferente do amor, diferente da ausência de amor. É a imagem que resulta quando duas coisas se sobrepõem. Uma imagem desfocada onde todos os rostos parecem estranhamente abertos e aniquilados, perpassados de — pois, perpassados de quê, realmente. Tempo que não quer, um quarto que não quer.

E a mágoa com isso.

O ilusionista.

CAIO E fico deitada na relva. Fico deitada tal como caí. Nos finais de agosto, um trator está parado no campo de trás, com o motor a trabalhar. A porta da cabina do condutor está bem aberta, e deixaram-na assim, a meio de uma frase.

A imobilidade domina a paisagem.

Como se o dia fosse, na realidade, uma noite; como se o sol fosse, na realidade, o candeeiro de papel do teto, como se alguém apenas quisesse assegurar-se de que todos dormem. Que ninguém esteja a ler ou a falar ou a incomodar os outros, a olhar para bandas desenhadas. Por outras palavras: que nenhuma forma de *insensatez* esteja a ocorrer.

Mas então não existe nada *senão* a insensatez, de súbito a insensatez é a única coisa.

Estás a dormir, sussurro à minha mãe.

Não há reação. As palavras ficam suspensas. Um eco do passado, a voz do meu homem morto: estás a dormir, pergunta ele.

E eu dormia.

Ou fazia-me de morta.

As saliências no teto fazem lembrar uma série de coisas. Um veado com cinco patas. Uma meia-lua que escorre. Algo que não se pode esquecer facilmente. Uma macieira que está carregada de maçãs vermelhas num canto do quintal, este tipo de restos; o verão no meio do inverno. Continua a nevar.

Tal como nevou todo o dia, está a nevar.

Como se a neve quisesse provar algo; o sossego com que a neve cai nada tem a ver com o cansaço, a neve não é ponderada, é simplesmente *desumana*. Tal como este ano, o inverno, *desumano* em tudo. Perdura incansável, repete-se seguindo padrões que ninguém entende. A escuridão empalideceu com a neve luminosa. De vez em quando cai uma maçã vermelha pela escuridão cinzenta, na neve, sob o cabaz da copa da árvore, casca preta. Um estalido quando a maçã atinge a película de gelo sólido, originada pela mudança do tempo que não ocorreu afinal. Não foi *senão* uma hesitação do inverno, simplesmente uma propensão no meio do inverno para — o verão. Logo a seguir veio a geada, a assobiar. Forma-se uma capa dura de gelo, com 50 milímetros de espessura, e agora, com um casaco de neve fresca. Está tudo bem, digo à minha mãe adormecida, sussurro-o no escuro, dorme sossegada.

Também pode ser tão simples como isso.

Poder-se estar deitado lado a lado, mas estar noutro lugar, sozinho.

Sim, diz a minha mãe, e acorda com um sobressalto.

Onde estiveste, penso, o que era que tinhas de terminar.

Não consegues dormir, pergunta ela, e vira-se na cama.

Penso: Que estou eu aqui a fazer, na cama dos meus pais. Já sou demasiado crescida para estar aqui deitada; sempre fui demasiado crescida.

Está tudo ao contrário. A neve redemoinha com o vento e desaparece numa nuvem que mal se consegue distinguir do céu. Sussurro à minha mãe. Eu sussurro: sim, continua a dormir. Ela adormece de imediato, sem nenhuma transição, simplesmente desocupa o quarto e repousa depois, completamente tranquila. Não se vê durante muitos anos, mas depois vê-se com muita clareza, a morte na nossa própria mãe, vê-se a nossa avó nela, a mãe dela nela. E na realidade também outra face que se reconhece, mas que se continua a achar uma face desconhecida. É uma face assustadora, esta terceira face.

Depois ela volta-se de lado na cama e adormece.

Depois volta a virar-se e continua a dormir.

Observa-se isto várias vezes. Uma face, a face da minha mãe, a desaparecer. E aquela terceira face que só pode ser a minha, que só pode ser assim — a minha.

Erva desumanamente alta.

Noites desumanas. Penso — tenho recebido tanto mimo. Nunca me aconteceu querer algo que não pudesse obter. Agora só quero uma coisa: a ele. E agora posso ter tudo o que não quero ter.

Paz e sossego.

TIVE SEMPRE A IMPRESSÃO de que havia apenas uma coisa que me prendia a este mundo. Mas depois separámo-nos também uma noite. Na manhã seguinte estou aqui, ainda, viva. Não acordo,

porque nunca adormeci. Tu voltaste para casa em Frederiksberg onde agora moras. Tens um quarto num grande apartamento e dormes com a mesma t-shirt que tinhas quando dormias comigo. Estás morto, mas andas por aí muito vivo.

Sem mim. É assim que andas.

A manhã esgueira-se com o levantar do sol, é assim que eu imagino a cena: que a manhã começa por detrás do quiosque dos gelados e dos pescadores, no istmo mais afastado aquém de Langelinje e vai avançando em direção à cidade, através de Østerbro. O céu deixa passar um sol muito liquefeito que enche as ruas lá em baixo, empurra os carros e as pessoas em direção à Rådhuspladsen, até Amager, Islandsbrygge.

Não sei o que pensavas ter feito nessa noite, provavelmente ter aliviado o teu coração, porém, tinha ficado tudo ainda mais pesado do que antes, e o teu coração também, foi decerto assim que aconteceu. Acha-se que algo persiste, que dura, mas apenas se: aguenta.

Imagino ter lá alguém, mas, afinal, não tenho ninguém.

Pensava, tinha por certo ter uma mãe, sempre, mas isso talvez tenha sido banido também.

Subo para a cama, tapo as pernas com o edredão e ponho um braço em volta dela. Regresso assim àquela paisagem que achava ser uma certeza, para sempre.

Ainda continua a nevar, pergunta-me a minha mãe.

Aceno que sim. Continua a nevar.

Deste de comer aos pássaros.

Sim, dei de comer aos pássaros.

ESTOU SENTADA num canto da sala, mas no meio de tudo. Posso estar sentada assim, aqui no sofá branco, e estar noutro lugar simultaneamente. A minha mãe volta a passar, cai uma sombra na sala, a tarde vai avançada, há uma luz forte. As sombras deslizam pelas paredes e por toda a parte. Os jardins dormem, há um desassossego,

porque está tudo tapado pela neve, lá fora, sem conseguir respirar. A neve caiu sobre tudo o que está vivo e tudo o que está morto, a neve torna tudo idêntico. Tudo o que ali está enterrado é asfiziado e apodrece, cresce e incha sob a capa de neve; a neve: uma pele que se vai tornando cada vez mais fina, que fica retesada. A neve range, enrosca as plantas, os pequenos arbustos, os cotos das árvores, ali fora. A minha mãe olha pela janela. Ela tem a sensação de ter perdido contacto com uma parte do corpo, de ter um braço dormente. Ela apela com o olhar, interpela-me para conseguir entrar. Sempre aquela sensação de que: a filha dela vive noutro mundo. A infelicidade que isso representa. Estar sozinha, ficar de fora, de certo modo.

Fora da própria casa.

Um espaço na família, um espaço na história, um agregado anterior, *desagregado* de repente, mas que continua a ressoar a algo como uma história.

Ela não consegue entender que eu o possa fazer; mas também não sabe lá muito bem o que é que eu faço.

Inclina-se no sofá, coloca uma mão sobre o meu joelho, mas tira-a quase logo a seguir, como se o joelho estivesse molhado, como se estivesse a arder. Inverno irreal. Aparência e queixume. Paisagens rebocadas. A neve lembra-se de todos os passeios que sobre ela se fizeram, não se pode apagar o nosso rasto, a neve lembra-se, o corpo lembra-se. Mas este inverno é talvez diferente. Neste inverno há constantes redemoinhos de neve e vento; voltou a nevar e nevou mais uma vez. Não se consegue recordar nada e, contudo, não se podem evitar as dúvidas de que algo estava *esquecido* debaixo da neve, algo que se encontraria na primavera. Sob as camadas de pegadas lembradas, esquecidas, mas ali guardadas como memórias, como uma doença latente, pronta a irromper a qualquer momento. Incómodo na primavera, incómodo num rosto abatido.

Levanto os olhos e observo a minha mãe.

Sim, penso para comigo, aqui está um rosto abatido. Quando se sonda com demasiado afinco, quando se sonda como um louco,

ou não se sabe quando se deve parar. E o rosto da minha mãe, da minha avó materna e este terceiro rosto conhecido e estranho que é o meu, como não podia deixar de ser. A sensação de regressar demasiado tarde, de agarrar no puxador de uma porta fechada, sabendo que a nossa mala está no interior. Partilhamos então também isso, o enigma da chegada, a chegada sempre adiada a algo que seja — sim, o quê, de facto. Talvez algo *quieto*, permanente.

QUANDO RECORDO os dias na casa de férias de verão, eles parecem-me estranhamente arquitetónicos. Como se partilhassem algo com estruturas e traçados rigorosos, na lembrança. Não podem reduzir-se apenas a dias, ficam na recordação como: *os dias em que*.

Os dias em volta.

Estes são os dias antes, estes são os dias depois; caem como cabelo espesso, de cada lado de um rosto abatido: Há quanto tempo sabes isso, pergunto eu. A minha mãe telefona, ainda estou deitada na cama, levanto-me.

Deixei de respirar.

Há quanto tempo sei isto, repete ela, para assim ganhar mais tempo.

Tenho a sensação de ir sentada no banco de trás e de estar nas mãos dos meus pais. Opressão planetária. O céu que pesa sobre os campos está sujo. As árvores juntam-se em aglomerados como os animais nos campos.

Soube há quase uma semana, diz ela.

Aceno com a cabeça.

Desculpa. Ela desculpa-se. Que não queria transtornar o meu trabalho. Que achava que era melhor esperar. Eu penso no trabalho que ela supõe ser aquele a que eu me dedico. E as outras sabem, sussurro eu.

Estás aí, pergunta ela. Limpo a garganta; as outras sabem, pergunto eu. Outra vez. Estou a pensar nas minhas irmãs.

Sim, diz ela.

Então, fui a última, penso eu. Digo: então todas as outras já sabem. Sei que ela anui, imagino-a a morder o lábio para não chorar. Mordo o meu lábio para não chorar e: choro. Não estás triste, não estás com medo, choramingo eu.

Estou, choraminga ela, sim, mas já chorei muito, já não tenho mais lágrimas, disfarça ela. Acha talvez que a distância me torna cega, nos torna cegos.

Perdemos tanto tempo, penso eu. Eu digo: E nós as duas. Gastámos tanto tempo com — fico sem palavras.

Sim, com quê realmente, digo eu. Não achas que isto coloca tudo noutra perspetiva, pergunto-lhe.

Deixei de respirar.

De novo, não há resposta; há barulho e luzes.

Sim, diz ela finalmente, pode ser que sim, mas eu continuo ainda tão... desiludida.

Limpo o nariz à capa do edredão. OK, digo eu.

Vens cá a casa em breve, pergunta ela. Está de pé junto à porta da cozinha, a olhar para os pássaros que agitam o ar, para que a natureza não enregele.

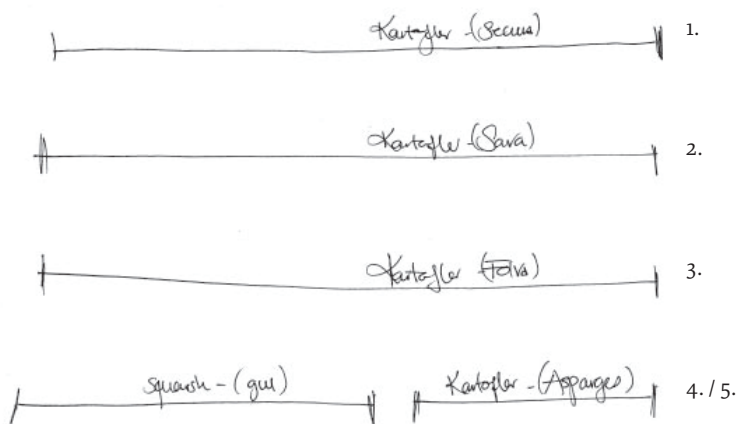
Claro que vou a casa, respondo-lhe. Deixei de respirar.

A questão é se a mãe que te está a contar que está doente não é ela própria realmente a doença. Se uma pessoa consegue sobreviver a esse tipo de coisa: a morte a entrar em cena, um assalto na casa que é a vida, o roubo de tudo aquilo que se conhece. Quando perdemos a nossa mãe, não por ela ter morrido, mas porque se tornou a própria morte, a doença que é a morte.

A conversa não acaba com o nosso adeus e com o desligar do telefone; é como se nos tornássemos cada vez mais silenciosas, como se estivéssemos no meio do campo a recuar, para longe uma da outra, a falar com uma distância física cada vez maior entre nós, para finalmente não nos conseguirmos mais ouvir, e pousarmos o telefone, cada uma na sua mesa. O som do telefone da minha mãe sobre o aparador e o som do meu próprio telefone sobre a mesa de jantar.

Ela sai e vai dar de comer aos pássaros. Eu olho para o mar. Deixei de respirar. Está tudo muito calado, ou há outra música, desligada da imagem. Não é bem música, é um som estranho, um som que já não se reconhece.

QUANDO ME DEITO na cama, à noite, pareço uma mulher que se deitou na erva e se converteu num monte, num bezerro morto. Deito-me e penso: será que me levantei; estou na dúvida. O que veio antes. Os dias. Os que se seguem. Durmo e não sonho; estou acordada durante o sono e conto a mim própria *outra* história, só para ter paz. Descrevo a horta lá de casa, a minha mãe que a exhibe com um orgulho só reservado às montanhas; ela explica as espécies. Há quatro filas de batatas: Secura, Sava, Folva, batatas Asparges. Meia fileira delas. Aponta para elas, uma a seguir à outra. Eu imagino a planta da horta, um papel com quatro linhas, uma com isto e outra com aquilo:



1. Batatas (Secura)
2. Batatas (Sava)
3. Batatas (Folva)
4. Curgete (amarela) / 5. Batatas (Asparges)

As fileiras de batatas estão alinhadas em paralelo à sebe de espinheiro. O outro lado é percorrido pelo salgueiro, com o qual ela pretendia ter entrançado cestas, mas nunca teve tempo. Em vez disso, passou a estar nesse sítio uma espécie de vedação de salgueiro; não fica mal, é apenas outra coisa. Mais outro sonho que nunca se realizou. Os arbustos de baga, a groselha negra, a groselha branca em cacho pendem sobre o trilho, como passageiros de pé nos comboios. Deceção. Ela desenterra uma batateira com uma só pazada, põe-se de cócoras e espeta uma colher larga de prata debaixo dos pequenos tubérculos lustrosos. A colher foi herdada e está preta, toda oxidada, exceto na parte mais gasta, na parte de baixo da cova. A colher tem o mesmo som da pá — quando corta a terra pedregosa, álcool a correr.

ESTÁS A CHORAR, diz o meu homem morto, preocupado e simultaneamente confiante, soando como alguém que chega a casa para um jantar surpresa, velas nos castiçais e refeição auspiciosa. Eu tento sorrir.

Será que estou, pergunto com uma voz que parece exaurida de qualquer vestígio de humanidade. Ou o oposto, uma voz demasiado humana, como se houvesse ser humano em demasia pressionado nesses sons.

A minha tentativa para sorrir faz com que o meu rosto pareça horrível.

É noite, não falei com ninguém desde que falei com a minha mãe, não sei o que hei de dizer às minhas irmãs. Não tenho a certeza de termos a mesma mãe; não tenho a certeza de ainda sermos uma família. Quando foi que isto aconteceu, penso eu, mas talvez tenha sido sempre assim. O facto de não sermos um corpo, e também não sermos uma família, ou: talvez uma família não seja o mesmo que uma família. Nem na linguagem, nem também na natureza; é uma construção, é assim, porque não suportamos outra coisa.

Desculpamo-nos com o facto de algumas plantas serem parecidas, de alguns animais o serem; estamos atados e presos por um fio; um acaso que se anuncia quando menos se espera; caules a secar e o fio a ficar lasso quando há agitação. As ideias agitam-se, um lar, uma família que vacila. Um lar que se revela como: algo diferente de um lar. Um sítio que constantemente é outro sítio, outra luz, ali; e depois aquele choque de não se ter lar, o corpo que ameaça abandonar a mente, o que nos resta, a nossa boa vontade.

E ali se fica.

A ideia de um lar — ideias, no fundo; para que nos servem elas. Há aquelas que vêm connosco e aquelas que não vêm connosco. É tão simples como isto, também. Não aparece nenhum autocarro para nos apanhar, não é construída nenhuma ponte, depois. Um atraso casual ou um atraso que não é de modo algum casual, a fatalidade numa determinada hesitação que é a recusa de uma ideia vinda do corpo ou do sangue, o facto de talvez não se conseguir alcançar o que se quer. Aqueles que nos acompanharam: e aqueles que não nos acompanharam.

«A paisagem toda, nua, indiferente.
Vem agora a sensação de que me
fazes falta, mas de não ter ninguém
a fazer-me falta.»




Num permanente diálogo interior, a narradora de *Um de Nós Dorme*, rodeada por um manto branco de neve, ultrapassa barreiras temporais e torna-se, simultaneamente, uma jovem com o seu amante e uma viúva a lutar contra o fantasma da solidão e da saudade. A natureza em redor infiltra-se nas imagens de uma vida apaixonada, conduzindo o narrador e o leitor num percurso em que o espectro da perda futura, premissa injusta da própria existência do homem, terá de ser confrontado.

Romance que celebra a literatura e a beleza — na arte, na natureza —, é também uma reflexão emotiva e poética sobre o amor, a morte e a solidão.

«Uma das mais importantes escritoras, não apenas da sua geração, mas do seu tempo.»

Comité do Kronprinparrets Priser

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8864-21-5  9 789898 864215 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	